

UPE/POLI - Aula da Saudade Turma 2005.1

“Os ciclos virtuosos de nossas vidas”

pelo Prof. Fernando Buarque de Lima Neto, PhD

** Discursos em solenidades assustam sempre; fiquem tranquilos, pois serei, breve. Minha fala tem apenas *cinco* partes (breves!): agradecimentos, os ciclos de nossas vidas, realismo, otimismo e mensagem final.

Parte 1: “Agradecimentos”

-Gostaria de iniciar cumprimentando e desejando boa noite a todos as autoridades acadêmicas aqui presentes e representadas, aos Senhores Pais dos Formandos e a todos os seus convidados. Por fim cumprimento os Discentes presentes, com carinho especial, os formandos 2005.1 da Escola Politécnica de Pernambuco – Universidade de Pernambuco.

-Gostaria de agradecer à comissão de festas da turma 2005.1 pelo convite para lhes falar nesta aula da saudade. Sei que este é um momento especial em suas vidas e por isto me sinto honrado em estar aqui representando meus pares Professores, e lhes dirigir algumas poucas palavras de incentivo e aconselhamento.

-Antes de iniciar, gostaria de lhes dizer que os verdadeiros Professores vibram tanto quanto pais e mães com o sucesso de seus alunos. Falo isto para que todos saibam da grande alegria e privilégio que sinto ao estar aqui hoje falando para gente vencedora, como vocês.

-E sucesso é justamente um dos aspectos que gostaria manter como central em minha fala. Percebam todos que esta semana está repleta de celebrações coletiva de sucesso. Lembro a todos que muitos são os vitoriosos que comemoram hoje o sucesso de seus esforços: (a) obviamente os concluintes, (b) Pais, (c) Professores, e, porque não, (d) a nação brasileira (deve ser por isso que se toca o hino nacional na colação de grau).

-Uma vez, na época de minha formatura, não concordei com meu pai quando ele me disse que eu era um privilegiado. Burramente, lhe retruquei, à época, alegando que todos os meus sucessos haviam sido frutos de meu esforço. Hoje ele não está aqui para eu poder concordar com ele. O privilégio do qual ele falava podia ser o fato de apenas 5% da população brasileira de 17 a 25 anos ter acesso à educação superior – nunca saberei.

-Portanto caros formandos, muitos são os co-participes deste seu sucesso. Vejam que o privilégio de nós poucos, somente aumenta a nossa responsabilidade.

Parte 2: “Ciclos de nossas vidas”

-Penso que a vida, que muitas vezes parece tão complicada, nada mais é que um conjunto de muitos ciclos, alguns encadeados; e que na maioria das vezes não percebemos. Penso que se entendidos os ciclos da vida, talvez, ela (a vida), possa ser mais facilmente vivida.

-Sobre os ciclos da vida eles são de vários tipos, frequências e importâncias. Alguns são óbvios como dormir, comer, respirar. Outros, são menos óbvios, e precisam de mais atenção para serem percebidos: terminar uma graduação é mais um ciclo que se encerra.

-Claro que existem ciclos pequenos e grandes, irrelevantes e importantes, os ciclos positivos (virtuosos) e os ciclos negativos (viciosos). Os primeiros, constroem, acrescentam ao ser e a sociedade e os segundos fazem exatamente o oposto.

-Nesta noite quero me concentrar nos ciclos virtuosos e não nos abundantes ciclos viciosos que nos rodeiam. E esta minha decisão é motivada pela razão que nos reúne aqui:

a conclusão bem sucedida de um importante ciclo das nossas vidas. Vejam, acabo de dizer nossas vidas. Porque como já lhes disse são muitos os vitoriosos de hoje.

-Há cinco anos, vocês tinham encerrado com sucesso o segundo grau, tinham obtido aprovação no vestibular, e diziam adeus à adolescência (alguns). No mesmo momento que vocês iniciavam mais um desafio (grande, importante e virtuoso, i.e. obter o grau de Bacharel), nós Professores também enfrentavam o não pequeno desafio de contribuir com a formação superior de mais um grupo de adultos jovens.

-Foi duro, mas vencemos todos!

Parte 3: “Realismo”

-No Brasil de hoje vivemos momentos conturbados. E isto adiciona ainda mais pressão para jovens recém-formados como vocês. Reconheço. Mas, infelizmente, ao longo de nossa história como nação esses problemas sempre existiram. Destaco esta como uma infeliz constatação. Além disto, ela é uma constatação triste de que as gerações que os sucederam não cumpriram integralmente a sua tarefa.

-Eu poderia passar agora a listar as mazelas correntes – vou poupá-los. Em lugar disto vou ler um texto pequeno de um outro Professor que consegue ver a realidade brasileira em uma perspectiva inteligente e crítica, mas também propositiva em soluções.

-O texto a ser lido se intitula “Nós e nós” do Prof. Cristovam Buarque – Ex-Reitor da UnB. O texto abaixo foi publicado há 15 dias no Jornal do Comércio de 12/8/2005.

“Nós e nós” – pelo Prof. Cristovam Buarque de Lima, Docteur

“Nós, brasileiros do século XXI, herdamos uma grande quantidade de nós que amarram nossa caminhada. Dentro de algumas décadas, quando a história destes dias for estudada, vai parecer que o futuro do Brasil estava amarrado por apenas dois nós: a taxa de juros elevada e a corrupção desenfreada. É como se o nosso futuro não estivesse preso a uma longa corda de nós que impedem que o Brasil, independente há quase duzentos anos, se transforme em nação.

No noticiário, na ação do Congresso e nas decisões do governo, não há referência a tantos outros nós herdados em dois séculos: concentração da renda, analfabetismo, atraso na educação pública, desigualdade regional, apartação social, estagnação econômica, endividamento, desemprego, violência, deficiências no sistema de saúde, depredação ambiental, vulnerabilidade internacional, corporativismo, enfraquecimento das universidades, desprezo à cultura, paralisia no debate de idéias.

Esses problemas ficam esquecidos, ou relegados, porque àqueles que fazem as notícias interessa apurar o que os atinge diretamente. O problema dos nós está em nós: a aristocracia republicana que se nega a enxergar os nós que amarram o Brasil, atingindo os excluídos.

É claro que é um ato de corrupção a apropriação ilegal, clandestina, de dinheiro público por indivíduos. Mas também deveria ser vista como corrupção a utilização de recursos públicos em benefício da parcela rica da sociedade, em prejuízo de investimentos sociais, mesmo quando isso é feito legalmente, por meio do orçamento aprovado pelo Congresso.

O desvio do dinheiro da construção do TRT de São Paulo para a conta de um juiz foi um ato de corrupção. Mas em um país que tem 14 milhões de habitantes sem acesso a água encanada, e no qual somente metade da população tem saneamento em casa, gastar dinheiro público para construir um prédio de luxo é uma corrupção tão grande quanto

roubar esse dinheiro. Todos se indignaram porque um juiz desviou R\$ 169 milhões no decorrer das obras. Mas ninguém protestou quando R\$ 220 milhões, que poderiam ter sido destinados à construção de casas populares e à instalação de sistemas de água e esgoto, foram transferidos para a construção de um edifício de luxo para o poder público. O desvio foi uma corrupção no comportamento; a decisão foi uma corrupção nas prioridades. Para piorar, até o dia 30 de julho deste ano, tinham sido aplicados apenas 3% dos gastos previstos no orçamento para obras de saneamento em 2005.

Em um país com tamanha a crise fiscal e social, isso é um desvio na ética das prioridades. Recursos são gastos em benefício da população rica, ou simplesmente desperdiçados, sem provocar nossa indignação, porque consideramos natural o desvio de dinheiro público para o atendimento de interesses da aristocracia republicana que compomos, em vez de lutarmos para que eles sejam utilizados em benefício das camadas mais pobres.

O problema dos nós que amarram o Brasil está em nós, brasileiros. O Brasil republicano não se completou, a sociedade se manteve dividida, separada, com uma parcela excluída, como os escravos, e uma parcela incluída, como a nobreza. O governo continuou como uma corte, mudou o endereço para Brasília, alterou o modo de escolher o chefe de estado por eleições, trocou o título de imperador pelo de presidente e o nome de Pedro para Luiz. No mais, tudo continua igual: os nós são os mesmos, porque nós somos os mesmos. Nós somos os nós”

Parte 4: “Otimismo”

-Ser realista é muito importante, mas não é tudo. Ao ser realista demais, alguém pode concluir grandes bobagens. Por exemplo: (a) achar que nada pode ser mudado – já que a realidade está “assustadoramente” enraizada em todos ao nosso redor; (b) achar que nosso poder e capacidade são pequenos demais – ante uma realidade “assustadoramente” perversa; (c) achar que não podemos ser úteis; ou pior, (d) achar que não podemos mudar este país.

-Nós da minoria dos privilegiados deste país, não devemos e não podemos pensar assim. Sejamos otimistas. Sejamos conscientes das vantagens que nossos esforços produziram, mas também, das responsabilidades que estas nos obrigam a envergar.

Parte 5: “Mensagem final”

-Eis que agora de novo outra fase se desfralda para vocês: a vida profissional. Assim como no passado as inseguranças são muitas, as dúvidas não são poucas. Mas a grande vantagem de entendermos a vida na perspectiva de ciclos é justamente termos a certeza que eles: (1) começam e terminam, e que (2) na maioria das vezes, a diferença entre ciclos virtuosos e viciosos acontece na medida direta das posturas e decisões que adotamos. *Portanto, sejamos corajosos, ousados, altruístas, perseverantes e otimistas.*

-Saibam todos os formandos, que apesar de formados, isto não os impede de retornar à Universidade e contar sempre com seus Professores; a relação professor-aluno é indestrutível!

-O fim dos seus Cursos não significa o fim de nossos relacionamentos, mas apenas que eles se darão então entre colegas de profissão.

-Meus caros, vão, sigam seus caminhos e deixem suas marcas nesta sociedade.

-Vão, mudem o Brasil e sejam felizes!